



A Santa Sé

CERIMÓNIA DE BEATIFICAÇÃO
DE PADRE JACQUES-DÉSIRÉ LAVAL
E PADRE FRANCISCO COLL

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Domingo, 29 de Abril de 1979

Queridos Irmãos e Irmãs

1. Aleluia! Aleluia! Neste terceiro domingo de Páscoa, a nossa alegria pascal exprime-se como eco da alegria transbordante dos Apóstolos que, desde o primeiro dia, reconheceram Cristo ressuscitado. Na tarde da Páscoa, «Jesus apresentou-se no meio deles». Mostrou-lhes «as suas mãos e os seus pés». Convidou-os a apalparem-no com as próprias mãos. E comeu diante deles (Cfr. *Lc. 24, 36-42*). Assombrados, com dificuldade em acreditar, os Apóstolos acabaram afinal por O reconhecer: *Alegraram-se ...vendo o Senhor (Jo. 20, 20; Lc. 24, 41)* ; e desde então ninguém lhes pôde tirar a alegria (Cfr. *Jo. 16, 22*), nem levá-los a deixarem de prestar testemunho público (Cfr. *Act. 4, 20*). Alguns instantes mais cedo, os corações dos discípulos de Emaús estavam-lhes a arder dentro, quando Jesus lhes falava pelo caminho e lhes explicava as Escrituras; e tinham-n'O, eles também, reconhecido, no partir do pão (Cfr. *Lc. 24, 32.35*).

A alegria destas testemunhas é também a nossa, queridos Irmãos e Irmãs, nossa porque partilhamos da fé que eles tiveram em Jesus ressuscitado. Glorificado junto do Pai, não cessa de atrair os homens para Ele, de lhes comunicar a Sua vida, o Espírito de santidade, ao mesmo tempo que lhes prepara um lugar na casa do Pai. É precisamente esta alegria que hoje encontra brilhante confirmação, pois celebramos dois admiráveis Servos de Deus que, no século passado, brilharam na nossa terra com a santidade de Cristo; os quais pode a Igreja, a partir de agora, declarar bem-aventurados, propô-los ao culto particular e à imitação dos fiéis: o Padre Laval e o Padre Coll, que devemos agora contemplar.

2. É evidentemente impossível indicar aqui todos os factos notáveis da vida do Padre Tiago Laval e todas as virtudes cristãs que praticou em grau heróico. Fixemo-nos naquilo que é característico deste missionário, tendo em vista a missão actual da Igreja.

Primeiramente, o seu cuidado de evangelizar os pobres, os mais pobres; no caso, os seus «queridos Negros» da Ilha Maurício, como lhes chamava. Na sua França, começara por exercer a medicina numa vila da sua diocese natal de Évreux, mas pouco a pouco o chamamento a um amor sem partilhas ao Senhor, que ele algum tempo recalcara, levou-o a abandonar a sua profissão e a vida do mundo: «Fazendo-me padre, poderei fazer maior bem», explicava a seu irmão (Cfr. biografia). Entrando como vocação tardia no Seminário de São Sulpício de Paris, neste foi logo encarregado do serviço dos pobres; depois, como pároco da pequena freguesia normanda de Pinterville, repartia tudo o que tinha com os necessitados. Mas, vindo a conhecer a miséria dos Negros da África e a urgência de os trazer a Cristo, conseguiu partir para a Ilha Maurício com o Vigário Apostólico, Monsenhor Collier. Durante 23 anos, até à morte, consagrou todo o seu tempo, consumiu todas as suas forças e deu todo o seu coração a evangelizar os autóctones: sem nunca se cansar, soube ouvi-los, catequizá-los e fazer-lhes descobrir a própria vocação cristã. Muitas vezes interveio também para lhes melhorar a condição sanitária e social.

A tenacidade que mostrou não deixa de nos espantar, sobretudo nas condições desanimadoras da sua missão. Mas, no seu apostolado, teve sempre em vista o essencial. O que é certo é que o nosso missionário deixou após si inúmeros convertidos ou à fé ou à piedade sólida. Não era inclinado a cerimónias espalhafatosas, sedutoras para essas almas simples, mas que não dariam fruto duradouro; nem tendia para arreatamentos oratórios. O seu empenho educativo inseria-se muito na vida concreta, não se cansava de voltar continuamente aos pontos essenciais da doutrina e da prática da vida cristã; ao baptismo ou à primeira comunhão só admitia pessoas preparadas aos grupos, que tivessem dado boas provas. Muito se empenhou em colocar à disposição dos fiéis capelinhas espalhadas pela ilha. Outra iniciativa notável, que é também objecto do zelo de numerosos pastores de hoje: juntou a si colaboradores; homens e mulheres, como chefes de oração, catequistas, visitadoras e conselheiras dos doentes, responsáveis por comunidadezinhas cristãs; por outras palavras, juntava a si quem se ocupasse dos pobres, quem os evangelizasse.

Qual é então o segredo do seu zelo missionário? Encontramo-lo na santidade: no dom de toda a sua pessoa a Jesus Cristo, dom inseparável da sua ternura pelos homens, sobretudo pelos mais humildes, que desejava tornar participantes da salvação trazida por Cristo. Todo o tempo que não consagrava ao apostolado directo, passava-o a orar, sobretudo diante do Santíssimo Sacramento, e juntava continuamente à sua oração mortificações e penitências que muito impressionaram os seus irmãos de hábito, apesar da discrição e da humildade. Muitas vezes fala da pena que tem da sua tibieza espiritual — digamos antes, do sentimento da própria secura: não atribui ele precisamente o maior preço ao amor fervoroso de Deus e de Maria, no qual deseja iniciar os seus fiéis? Nisso está ainda o segredo da sua paciência apostólica: «É unicamente em

Deus e na protecção da Santíssima Virgem que nós nos apoiamos» (Carta de 9 de Julho de 1853, cfr. biografia). Que confissão magnífica! A sua espiritualidade missionária tinha-se aliás inscrito, desde o princípio, no enquadramento dum novo instituto religioso e mariano, e sempre teve a peito seguir as exigências espirituais do mesmo, apesar da solidão e afastamento geográfico em que viveu: trata-se da Sociedade do Sagrado Coração de Maria, de que foi um dos primeiríssimos membros ao lado do célebre Padre Libermann; Sociedade que será pouco depois fundida com a Congregação do Espírito Santo. O apóstolo, hoje como ontem, deve primeiramente cultivar em si o vigor espiritual; e deve depois testemunhar aquilo que recebe continuamente da Fonte.

Aqui está um modelo para os evangelizadores. de hoje. Oxalá ele inspire os missionários, e, atrevo-me a dizer, todos os sacerdotes, que têm primeiramente a missão sublime de anunciar Jesus Cristo e formar a vida cristã.

Seja ele, a título especial, a alegria e o estímulo de todos os religiosos espiritanos, que não cessaram de implantar a Igreja, em particular na terra africana, e lá trabalham com tanta generosidade.

O exemplo do Padre Laval anime todos os que, no continente africano e fora dele, se esforcem por construir um mundo. fraterno, isento de preconceitos raciais. Seja também o Beato Laval o orgulho, o ideal e o protector da comunidade cristã da Ilha Maurício, hoje tão dinâmica, e de todos os Mauricianos. A estes votos, tenho o prazer de acrescentar uma saudação muito cordial à Delegação do Governo da Ilha Maurício, como também à do Governo francês, que vieram participar nesta cerimónia.

3. Segundo motivo de alegria eclesial é a beatificação doutra figura que a Igreja quer hoje exaltar e propor à imitação do Povo de Deus: o Padre Francisco Coll. Nova glória da família dominicana e não menos da família diocesana de Vich. Religioso e, ao mesmo tempo, modelo de apóstolo — durante grande parte da sua vida — entre as fileiras do clero vicense.

Uma dessas personalidades eclesiais que, na segunda metade do século XIX, enriqueceram a Igreja com novas fundações religiosas. Filho da terra espanhola, da Catalunha, em que brotaram tantas almas generosas que legaram à Igreja uma herança fecunda.

No nosso caso, concretiza-se a herança num trabalho magnífico e incansável de pregação evangélica, a culminar na fundação do Instituto hoje chamado das Religiosas Dominicanas da Anunciada, em grande número aqui presentes para celebrarem o seu Padre Fundador, unidas a tantos membros das diversas obras a que deu vida a Congregação.

Não podemos apresentar agora um esboço completo do novo Beato, espelho admirável — como pudestes observar na leitura da sua biografia — de heróicas virtudes humanas, cristãs e

religiosas, que o tornam digno de elogio e de imitação no nosso peregrinar terreno. Limitemo-nos a percorrer brevemente um aspecto mais saliente nesta figura eclesial.

O que mais impressiona, a quem se aproxima da vida do novo Beato, é o seu zelo evangelizador. Num momento histórico muito difícil, em que as convulsões sociais e as leis perseguidoras contra a Igreja lhe fazem abandonar o seu convento e viver permanentemente fora dele, o Padre Coll — sobrepondo-se a inspirações humanas, sociológicas ou políticas — consagra-se inteiramente a uma assombrosa tarefa de pregação. Tanto durante o seu ministério paroquial, especialmente em Artés e Moyá, como na sua fase posterior de missionário apostólico, o Padre Coll manifesta-se verdadeiro catequista e evangelizador, na melhor linha da Ordem dos Pregadores.

Nas suas inumeráveis correrias apostólicas por toda a Catalunha, por meio de memoráveis missões populares e outras formas de pregação, o Padre Coll — Mosén Coll, para muitos — é transmissor de fé; semeador de esperança; pregador de amor, de paz e de reconciliação, entre aqueles que as paixões, a guerra e o ódio mantinham divididos. Verdadeiro homem de Deus, vive em plenitude a sua identidade sacerdotal e religiosa, tornada fonte de inspiração em toda a sua tarefa. A quem não compreende sempre, os motivos de certas atitudes suas, responde com um convencido: «porque sou religioso». Essa profunda consciência de si mesmo é que orienta o seu trabalho incessante.

Tarefa absorvente, mas a que não falta base sólida: a oração frequente. É o motor da sua actividade apostólica. Quanto a isto, o novo Beato fala de maneira bem eloquente: é ele próprio, homem de oração; nesse caminho quer introduzir os fiéis (basta ver o que diz nas suas publicações «A rosa formosa» e «A escada do céu»); tal é a via que indica na Regra às suas filhas, com palavras vibrantes, que pela actualidade que têm faço também minhas: «A vida das Irmãs deve ser vida de oração. (...) Por isso recomendo-vos e torno-vos a recomendar, amadas irmãs: não deixeis a oração».

O novo Beato insiste em diversas formas de oração, como sustentáculo da actividade apostólica. Há uma porém que é a sua preferida e tenho especial gosto em recolher a lição e nela insistir: é a oração contemplando os mistérios do rosário; é essa «escada para subir ao céu», composta de oração mental e vocal, que «são as duas asas que o Rosário de Maria oferece às almas cristãs». Forma de oração que também o Papa usa com assiduidade e a que vos convida vos unais todos, sobretudo no próximo mês de Maio, consagrado à Virgem Maria.

Concluo estas reflexões em língua espanhola, saudando as Autoridades que vieram para as celebrações em honra do Padre Coll, e convidando todos a que imitem os seus exemplos de vida, mas em especial os filhos de São Domingos, o clero e em particular vós, Irmãs Dominicanas da Anunciada, vindas da Espanha, do resto da Europa, da América e da África, onde a vossa actividade religiosa se exerce com generosidade.

4. O voto, que exprimo esta manhã, é, em conclusão, este: que a dupla beatificação de hoje venha reforçar e promover o zelo na acção catequética de toda a Igreja. É sabido que o tema da Quarta Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, realizada aqui em Roma no Outono de 1977, foi exactamente o da catequese. Os Padres sinodais — de quem eu também fazia parte — encararam e estudaram este assunto de primária importância para a vida e para a acção da Igreja de todos os tempos. Insistiram na urgência de atribuir decidida prioridade à catequese, ao lado doutras iniciativas, menos essenciais embora infelizmente mais vistosas, porque nela se põe em prática o aspecto absolutamente original da missão da Igreja. Missão — inculcaram eles — que diz respeito a todos os membros do Povo de Deus, embora em funções diferenciadas, e os obriga à contínua busca de métodos e de meios, adequados para uma cada vez mais eficaz transmissão da Mensagem.

O pensamento dos Padres do Sínodo dirigia-se principalmente aos jovens, de cuja importância no mundo de hoje estavam bem convencidos: apesar de incertezas e desvarios, excessos e frustrações, os jovens representam a grande força, de que depende a sorte da humanidade futura. A pergunta que preocupou os Padres sinodais foi esta precisamente: como levar a multidão de jovens a fazer uma experiência viva de Jesus Cristo, isto não só no encontro fascinador dum momento fugidio, mas por meio dum conhecimento aturado, cada dia mais completo e mais luminoso da Sua pessoa e da Sua mensagem? Como fazer que nasça neles a paixão pelo Reino, que Ele veio inaugurar e no qual, e só nele, pode o ser humano encontrar a plena e saciante realização de si mesmo?

Responder a esta pergunta é a missão mais urgente da Igreja nos dias de hoje. Dependerá do empenho generoso de todos, que às novas gerações seja oferecido um testemunho da palavra de salvação (*Act.* 12, 26), capaz de conquistar os espíritos e os corações dos jovens e de lhes arrastar para aquelas escolhas concretas, muitas vezes custosas, requeridas pela lógica do amor de Deus e do próximo. Serem os jovens eficazmente atingidos pelos ensinamentos, que lhes sejam dados em casa, na escola e na igreja, dependerá sobretudo da sinceridade e da intensidade, com que as famílias e as Comunidades souberem viver a sua adesão a Cristo.

Peçamos, pois, aos novos Beatos que nos acompanhem com a sua intercessão e nos guiem para uma experiência pessoal e profunda de Cristo ressuscitado, que leve a arder os nossos corações com o dos discípulos no caminho de Emaús enquanto o Senhor «falava com eles pelo caminho e lhes explicava as Escrituras» (Cfr. *Lc.* 24, 32). De facto, só quem pode dizer «conheço-O» — e São João avisou--nos que isto não o pode dizer quem não vive segundo os mandamentos de Cristo (Cfr. 2ª leitura) —, só quem atingiu um conhecimento «existencial» d'Ele e do Seu Evangelho, pode oferecer aos outros uma catequese aceitável, penetrante e arrebatadora.

A vida dos dois novos Beatos é disto prova eloquente. Não nos seja proposto em vão o exemplo deles.

© Copyright 1979 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana